

# Multitudes 27

revenu garanti :  
questions ouvertes

banlieues, sans-papiers et  
nouvelle citoyenneté

re-présentation  
de Birgit Jürgenssen

Spinoza-Leibniz /  
Spinoza-Machiavel

MARS 2007  
REVUE TRIMESTRIELLE  
EDITIONS AMSTERDAM  
N° 27 - 112 PAGES



## Invenção de multidão

Cristina Ribas\*

*Multitudes*, revista quadrimestral, Paris, França, Edição de Association Multitudes e Exils.

O poder da invenção extravasa as elites, as classes, os vanguardistas, as massas, o povo – tal como o poder contemporâneo se pensa e se efetua bem longe da soberania.<sup>1</sup>

A revista *Multitudes* é publicada na França desde 2000, e seu título, assim como todo o projeto editorial, é um desdobramento do conceito “multitudes” atualizado e desenvolvido do vocabulário do direito político por Antonio Negri e Michel Hardt. Aplicado inicialmente por Machiavel (no sentido da insurgência rebelde), depois desenvolvido por Espinosa (que o potencializou a partir dos corpos), o conceito é apresentado pelos autores contemporâneos no livro *Império* (2000). Quatro anos depois os autores publicam *Multitudes*, o livro, lançado no Brasil em 2005. Uma tradução direta do termo para o português é o próprio termo “multidão”, que procuro aqui aproximar ao máximo do sentido amplificado proposto pelos autores. Começamos pelo conceito porque é ele mesmo que vai abrir as possibilidades da revista e de suas diversas manifestações.

A multidão não é o povo nem se identifica com a classe operária ou com a consciência de classe. Surge de uma interpretação subversiva do conceito espinosista, e é formado primeiramente por corpos que lhe dão essa *carne* – substância viva *comum* na qual o corpo e o intelecto coincidem e são indiferenciados. O *comum* é formado por emergências de singularidades, igualmente constitutivas da multidão – porque, se a multidão não é o povo nem quer representar (o todo da sociedade ou a qualquer grupo), só pode ser que seja feita de singularidades que se relacionam sem o objetivo da identificação ou da unificação. Identificação e unificação seriam derivativos das atitudes do poder de governo (atuando por meio do direito e da polícia), tentando definir ou criar representações para os grupos de corpos, contendo-os. Hardt e Negri percebem uma alternativa a essas imagens, mas não querem totalizar sua teorização no mundo. A multidão coloca-se contra qualquer constituição de soberania, porque ela surge como manifestação contrária aos movimentos que arregimentam a sociedade. A multidão insurge dentro do próprio Império e daí mesmo o redefine. O *Império* é como uma máquina, uma engrenagem de funcionamento vazio, que vive da repetida empreitada de conter as

Fotos realizadas no acervo da Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos do IFCS, Rio de Janeiro.

Foto: Cristina Ribas

\* Cristina Ribas é artista visual, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Uerj, onde disserta sobre o projeto “Arquivo de emergência: documentação de eventos de ruptura”. Faz parte do grupo Laranjas, e da *multidão*.

<sup>1</sup> Conforme notas editoriais na página da internet da revista em: <http://multitudes.samizdat.net/> Consulta em 05/05/2007.



manifestações e tentar moldar os indivíduos nas formas de subjetivação possíveis que agencia. Contra esse agenciamento das produções, a multidão insurrecional – autônoma em suas emergências e diferente da forma maquinal – é também feita das produções dessa multidão: é como *práxis coletiva* que se constitui. Com isso, “um novo sentido de ser é imposto na constituição do Império pelo movimento criador da multidão, ou está continuamente presente nesse processo como paradigma alternativo”.<sup>2</sup>

A revista *Multitudes* insere-se na própria carne da multidão anunciando sua forma de agenciamento. Faz parte de um projeto maior, chamado de Coletivo Multitudes que abarca a revista, a página na internet, grupos de discussão via *e-mail*, uma coleção de livros, encontros e seminários periódicos e outros eventos. Não sabemos, contudo, se é possível que existam métodos na e para a multidão! E a revista certamente “entra” no próprio conceito para instaurá-lo, trabalhando nas suas variações possíveis, nas suas efetuações mundanas. A revista em si é parte dessa multidão que se manifesta autonomamente, organizada por um coletivo de intelectuais e ativistas na maioria franceses, cuja pretensão é mostrar

2 Hardt, Michel e Negri, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 81.

que o saber não está de forma aprofundada apenas na academia, assim como a política excede os espaços institucionais que a ela se dedicam. Esta revista “política, artística e filosófica” propõe experimentar novas condições políticas de agenciamentos teóricos para problemáticas contemporâneas dando voz a diversos autores que debatem inquirindo muitas vezes criticamente a discussão aberta por Negri e Hardt.

O editorial da revista apresenta um dos objetivos: “re-interrogar” a produção de uma série de autores da filosofia francesa clássica e contemporânea (entre eles Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari,...) e também do *operaísmo* italiano. Preocupa-se em dar espaço a autores contemporâneos e propor diálogo a partir de temáticas específicas da atualidade: aos estudos subalternos, aos estudos sobre minorias, estudos sobre gênero e homossexualidade; explora novas hipóteses sobre as transformações do capitalismo, sobre as subjetividades em movimento e as novas formas possíveis de cidadania (a partir de problemáticas da migração), sobre a ecologia do imaterial ou sobre a cidade e a metrópole como novos territórios produtivos, e também pretende contribuir com a emergência de uma filosofia política da diferença porque se interessa por analisar todas as formas de dominação.

Por duas “entradas” possíveis no *index* de *Multitudes* pretendo dar continuidade a esta resenha. Uma, o fato de que os editores colocam-se na escuta de movimentos sociais (também para aportar “conceitualizações inovadoras”), especialmente aproximando-se dos saberes subalternos e movimentos como o *preariado* e a *intermitência*,<sup>3</sup> e de seus novos espaços de criação, de liberdade e de transformação. E outra, a indexação especial que dá à produção artística e/ou à discussão sobre estética e política no capítulo *Multitudes-Ícones*, publicado a cada edição da revista.<sup>4</sup>

Começamos pelo segundo *index*. Percebemos a constante da “criação” e da “resistência” como elementos operativos da multidão. Segundo os pensadores contemporâneos a criação – assim como a invenção – não é um privilégio da arte nem dos artistas, mas deve estar também nestes para que se efetuem as políticas da diferença. Uma série de autores não cansa em manifestar que não é longe da estética que são praticadas novas políticas (cito Jacques Rancière como exemplo). Não pretendo aqui igualar criação e estética, mas abrir campos de abordagem aos termos sem os prefigurar em campos do conhecimento que os tornariam “próprios”.

E é nesse campo de relações possíveis entre termos e suas efetuações que percebo o enlace que *Multitudes* estabelece com a arte contemporânea. Em todos os números publicados e com nota o nº 15,

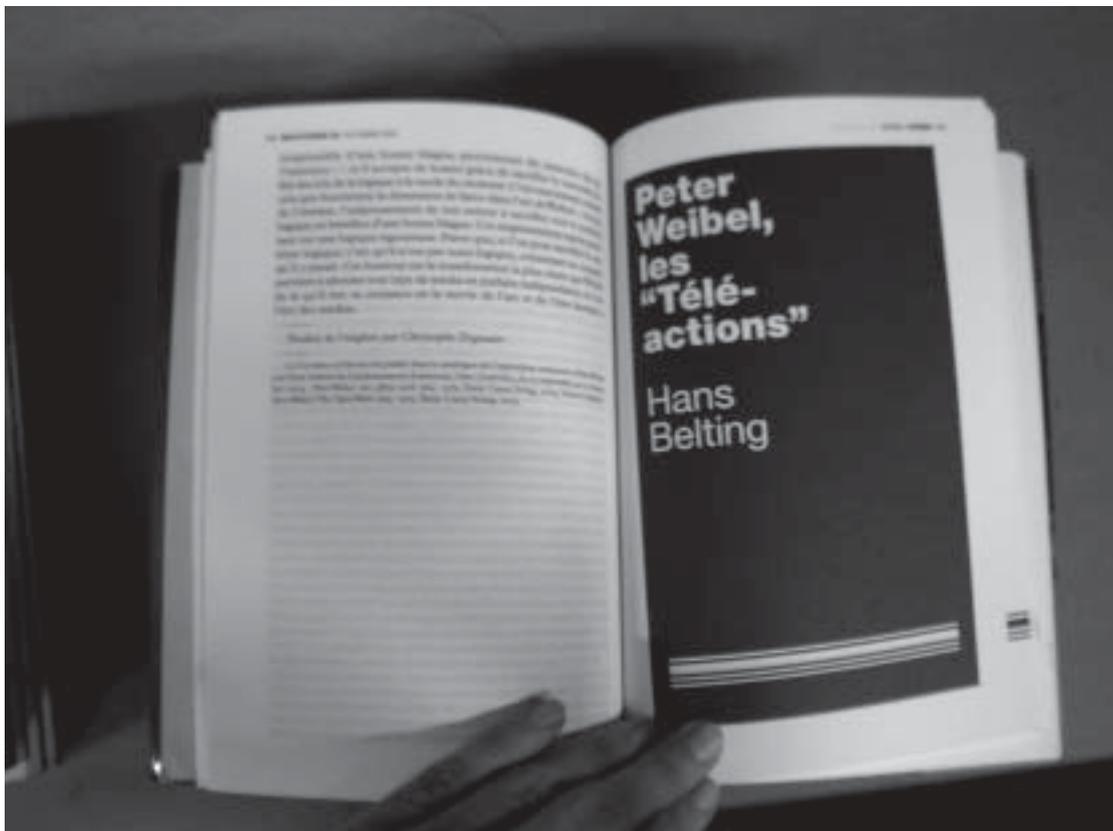
3 Como exemplo, cito os Intermitentes do Espetáculo (*Intermittents du spectacle*) da França, coletivo de profissionais da cultura cuja característica do trabalho é a alternância entre emprego e desemprego, ou contratação temporária.

4 Organizado por Eric Aillez, *Multitudes* planeja também uma página na internet especial para a Documenta 12 (exposição que acontece a cada cinco anos em Kassel, na Alemanha), que suportará projetos de artistas criados para a página.

dedicado especialmente à arte contemporânea, há ensaios de artistas cuja linguagem e possíveis temáticas abordadas possam dialogar com os objetivos da revista e, eventualmente, textos que se referem diretamente aos trabalhos apresentados. Já foram publicados ensaios dos artistas Antonio Muntadas, Jean-Luc Moulène, Alejandra Riera e Fulvia Carnevale, Peter Weibel, grupo Atlas e outros. Em alguns casos são produzidos formatos especiais de impressos e distribuídos com cada edição (como parte do *Trabalho em Greve* de Riera e Carnevale). Há outros projetos que se adaptam melhor ao formato revista (pelas dimensões e pela forma da impressão). A maioria dos ensaios é de levantamentos fotográficos e de “documentos” a partir de outros registros reais (jornais, bancos de imagens, etc.), trabalhos gráficos, ensaios fotográficos, propostas discursivas, por exemplo.

Mesmo que aparentemente a produção de arte contemporânea que estabelece um diálogo com os pensadores sobre a estética-política (ou que lhes interesse) seja apenas aquela que lida com “fatos reais”, no sentido documental que a arte possa provocar, um olhar mais atento vai mostrar que algumas produções colocam em questão a possível positividade da proposta documental como certeza do real. O diálogo entre as produções e os pensadores se estabelece como pensamento crítico da atuação dessas produções em defesa de uma realidade social específica ou da tentativa de serem criadas reproduções destas realidades pelo modo não crítico da etnografia. Em parte precisamos desmitificar, o fato de que há “perdas” possíveis para a arte na relação com esse tipo de trabalho, precisamos enxergar a possibilidade real de grupos de artistas e seus agenciamentos de dialogar com comunidades (já que não há sociedade como um todo) e de criar a partir dessas relações o pensamento sobre a própria representação social, o que toca o imaginário, a sensibilidade, a criação. Esse pensamento em ação será também a ruptura das linguagens no próprio campo circunscrito da arte. O grupo Atlas (do Líbano) publicou na revista nº 15 o trabalho “Carnet volume 38: Already been in a Lake of Fire”: uma série de colagens-desenho com recortes de imagens de carros de passeio e descrições sobre local, hora, quantidade de mortos, bomba utilizada e etc. por aqueles “carros-bomba” no Líbano entre 1975 e 1996. Os artistas do grupo apresentam não diretamente, mas através dessa espécie de ficção uma realidade compartilhada e ainda em convulsão. Do texto a seis mãos escrito por Eric Aillez, Brian Holmes e Maurizio Lazzarato, extraímos: “A arte se afirma como uma potência construtivista e uma força de intervenção ativa, repleta de ritmos íntimos. Do saber híbrido e do encontro com os corpos intensivos”.<sup>5</sup>

5 “Construction vitale: quand l’art excède ses gestionnaires”. Em: revista *Multitudes*. França: Exils e Association Multitudes, nº 15, p. 7.



O saber híbrido conecta os saberes subalternos. Para os editores da revista *Multitudes* pode ser aquele saber produzido pela escuta dos movimentos sociais e dos movimentos *multitudes* (*preariado* e *intermitência*, e a própria arte entre outros). Por aqui abrimos, seguindo o caminho contrário, o primeiro *index* enumerado para discutir a revista: a possibilidade da incorporação do saber híbrido e não privado nem encerrado dentro de instituições que os delimitem em campos de disciplina (a ciência possivelmente); mas dos saberes produzidos autonomamente (e mesmo em caminho de inventariar essa *forma*), ou seja, incorporação das próprias manifestações do movimento que produz a multidão como saber. Mas se “não há fora”, não há nesse sentido “incorporação”, o que faz de tal saber o elemento criativo próprio da multidão, que não precisa ser legitimado por instituições “reconhecidas socialmente” ou por autores reconhecidos (economicamente!). O saber, como parte do poder dos corpos é inerente ao ser, é uma forma de *General Intellect* renovado e subversivo.<sup>6</sup> (Podemos pensar nas cartas do comandante Marcos, lançadas aos quatro cantos do mundo, pelo Exército de Libertação Zapatista Nacional como exemplo.)

6 Negri, Antonio. “O que fazer de “o que fazer?”, hoje – ou seja: o corpo do *General Intellect*.” In: *Cinco lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 209-240.

Percebemos que é necessário inventar, nas dobras e nos devires da criação que este movimento dos movimentos produz, os meios de inscrever o pensamento crítico e as fendas para o sensível na sociedade dissociados de interesses políticos forjados por grupos econômicos (já penetrados nas diferentes esferas da vida ou do lazer, na imprensa ou na habitação). Se o capitalismo é tido hoje por alguns teóricos como “cognitivo”, ou seja, ele se apropria das ferramentas possíveis da difusão dos saberes (torna público, mas não *comum*, porque reserva a propriedade como um direito consumível), é imprescindível dar lugar à produção artística ‘não própria para consumo’ que poderá ter lugar na produção ou invenção dos meios (na forma da publicação se assim for), e poderá fazer refletir sobre o comportamento cooperativo entre produtores culturais, artistas, seus referenciais e os debatedores dessas mesmas proposições. A cooperação é a natureza operativa da multidão, mas deve ser praticada para que a segunda se efetue. A constituição dos trânsitos subjetivos e do fomento ao tráfico dos saberes não possui métodos, assim como a multidão não dispõe de um. Igualmente é necessário perceber a sutileza das relações propostas entre a estética e a política a cada evento, para que não se tornem enunciados *casados* repetidamente sem um plano de fundo real.

Dessas possíveis lições a partir da leitura de *Multitudes*, considero, por fim, que as publicações são um meio consistente de multiplicação do conhecimento e de potencialização da prática do saber, pois atravessam o território geográfico distribuindo aos interessados e aos interpelados as informações que contém. A publicação digital da revista na internet é também uma forma de efetuar isso. A circulação de *Multitudes* possibilita, tal como num tráfico, a transcendência do espaço das cidades contemporâneas que, capitalizadas, separam os corpos em espaços de legitimação vazia, o que me parece que ocorre mesmo que o grupo editorial reserve o aporte teórico como proposição. *Sampleiam-se* com isso territórios francófonos e tantos outros hibridizados, e deixa-se a apropriação dos saberes para a lógica de cada manifestação. Como publicação multidão a revista parece apostar nos agenciamentos *carnavalescos* dos corpos para a resignificação e potencialização dos espaços comuns.

### **Informações adicionais**

*Multitudes* é publicada na França a cada quatro meses. A última edição, n. 28, foi lançada em março de 2007.

Os artigos impressos nas revistas são publicados um ano depois na página da internet <http://multitudes.samizdat.net/>, onde também é disponibilizada uma versão “longa” da revista (há versões traduzidas de alguns artigos, artigos adicionais não impressos, artigos inteiros que foram cortados, entre outros).